



TOMO VI Nº 2

# Blumenau

em ca der nos

# Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A

Rua Iguaçu n.ºs 291 e 362 — Caixa Postal, 80  
Fone 1332

---

---

- ★ GAZES E ATADURAS MEDICINAIS
- ★ ★ ATADURAS GESSADAS
- ★ ★ ALGODÃO HIDRÓFILO
- ★ ★ FRALDAS PARA BEBÊS
- ★ ★ FAIXAS HIGIÊNICAS PARA SENHORAS
- ★ ARTIGOS DE PRIMEIRA QUALIDADE



# BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VI

N.º 2

## A PROPAGANDA REPUBLICANA EM SANTA CATARINA

Carlos da Costa Pereira

Referindo-se à repercussão que tivera na então Província de Santa Catarina o manifesto republicano de 3 de outubro de 1870, diz José Artur Boiteux (1) que “o apêlo dos illustres signatários do notável documento, encontrou, desde logo, um eco no professor Manoel das Oliveiras Margarida, quase um solitário na sociedade desterrense, insulado na sua aula noturna de desenho e pintura, à Figueira”.

Não foi, entretanto, Manoel das Oliveiras Margarida, nessa fase, o primeiro catarinense a abraçar o novo credo. Parece ter cabido a primazia a Esteves Júnior. Desligando-se do Partido Liberal, a que pertencia, tornou-se democrata, “conduzindo-se sob essa direção até que surgiu o manifesto republicano de 1870, de que foi um dos colaboradores, senão signatários” (2). Conquanto residisse no Rio de Janeiro, é de supor que assim mesmo tivesse exercido influência no espírito dos amigos que possuía na capital da Província, convertendo-os aos princípios políticos que êle próprio professava.

Outro vulto preeminente que também se inclui no rol dos primeiros republicanos catarinenses, é Lauro Müller. Na Escola Militar, aonde ingressara aos 18 anos de idade, fôra encontrar Benjamim Constant, que não só ministrava aos alunos aulas de matemática, como também lhes inculcia no espírito os ideais democráticos (3).

É, porém, pelo ano de 1885, que os republicanos começam a arregimentar-se em Santa Catarina, sendo fundado no Destêrro, a 13 de abril, no Hotel Brasil, um clube “que tinha por fim cuidar da propaganda republicana e colocar-se energicamente à frente dos interesses mais palpitantes desta Província”. Por êsse mesmo tempo, Inácio Lázaro Bastos informava à Voz do Povo que em São Francisco, Joinville e Itajaí se cogitava da fundação de clubes, como na capital da Província (4).

O número de eleitores republicanos, em março de 1887, orçava por 200, mais ou menos, em tôda a Província, destacando-se entre os republicanos mais ativos, Raulino Horn, no Destêrro; Manoel Correia de Freitas, em Joinville; Manoel Anastácio Pereira, em Camboriú; Eleutério José Tavares, em São Francisco; Bento José Garcia, em Pôrto Belo; Manoel Gonçalves Pereira, em Itajaí; e P. Manoel Miranda da Cruz, em Tijucas (5).

Noticiava o Independente, órgão republicano de Tijucas, haver sido fundado em Camboriú, a 1.º de maio de 1887, um clube republicano, sob a presidência de

Manoel Anastácio Pereira, que reunira em tórno de si perto de 400 cidadãos (sic), "todos animados pelo entusiasmo de uma realidade aprazível"; estivera presente Manoel Correia de Freitas(6), "o incansável campeão, o apóstolo crente da causa republicana nesta Província". Em São José, Joaquim A. Vaz, "o mais conceituado chefe conservador da cidade", acabava "de declarar-se republicano convicto"; em Biguaçu, Francisco Cavalcante da Luz, "religioso e excelente católico", também aderira ao partido republicano; e em Tijucas, seria inaugurado o clube republicano no dia 22 de maio do referido ano de 1887, na casa do vigário — o Pe. Cruz — às 10 horas da manhã, esperando os republicanos tijuquenses o comparecimento de Correia de Freitas.

Depois de ter influído para a fundação do clube republicano de São Francisco, Correia de Freitas pretendia visitar, em viagem de propaganda, Campos Novos, Curitiba, Lajes e Laguna, e persuadir os republicanos residentes nesses municípios a fundarem as suas agremiações(7). Ao findar o ano de 1887, São Bento, São Miguel, Curitiba, Ribeirão, Canasvieiras e São João Batista já possuíam os seus clubes republicanos. Uma comissão central havia sido constituída no Destêrro, tendo como diretores José Joaquim da Veiga, Severo Francisco Pereira, Raimundo Antônio de Faria e Ricardo Martins Barbosa (8).

Existiam em Santa Catarina, pelos fins de 1888, quinze clubes republicanos, elevando-se a vinte e quatro, em fins do ano seguinte. O rol de seus associados, porém, era reduzido: em meados de 1887, o clube republicano do Destêrro compunha-se de 17, o de São Francisco, de 15, e o de Joinville, de 20 membros (9); e o eleitorado republicano era relativamente insignificante, uma vez que, em agosto de 1889, sendo pelo Partido apresentados Esteves Júnior e Raulino Horn candidatos a deputados gerais, conseguiram apenas 153 e 20 votos, respectivamente. Mas não teria deixado de causar surpresa o fato de os republicanos elegerem, em 1888, o conselho municipal da vila de São Bento.

Além dos clubes, existiam os periódicos republicanos, aliás de existência efêmera. Em Tijucas, apparecera pelo ano de 1886, o já citado O Independente, sob a direção do Pe. Cruz; no Destêrro, em 1887, publicava-se A Evolução, órgão do Clube Republicano; em Joinville, no mesmo ano de 1887, a 23 de janeiro, começara a editar-se a Fôlha Livre, com redação na rua da Água e impressa na Tip. de C. W. Boehm, sendo Manoel Correia de Freitas um de seus redatores; e, em 1889, também em Joinville, apparecia, a 11 de agosto, O Sul, dirigido por João Evangelista Leal.

Todavia, o primeiro periódico republicano dado à publicidade em Santa Catarina, foi A Voz do Povo, também já mencionado. Editava-se na cidade do Destêrro, trazendo o número inicial a data de 31 de maio de 1885. Era "órgão de idéias republicanas" e "propriedade de uma associação". Em seu artigo de apresentação dizia que já era tempo de publicar-se, na capital da Província, um jornal que, entre outras coisas, "não se polua, nem se abastardeie, nem se venda aos corruptos e corruptores da política monárquica, viciada e interesseira, que, dirigida com erro e especulação, degrada os povos, acarreta o atraso dos países mais modernos à semelhança do nosso". — Era redator principal do novo órgão, J. A. Coutinho. Poucos meses antes, fôra êle escolhido Imperador do Divino Espirito Santo. Fazendo blague, dizia o seu jornal: "Que incoerência! O nosso chefe, que é republicano às direitas, ser aclamado Imperador!..."

Os republicanos catarinenses eram contrários à revolução; êles não desejavam destronar o monarca, sacrificando a vida de seus compatriotas. Trabalhavam por levar ao Parlamento uma maioria de republicanos da estatura de Campos Sales, forçando, destarte, o Imperador a abandonar o trono espontâneamente, por falta de apóio parlamentar.

J. A. Coutinho candidatara-se à cadeira de deputado provincial e vinha fazendo a sua propaganda através do jornal que dirigia. Entretanto, de acôrdo com a opinião de seus correligionários, que achavam não contar o partido com elementos para eleger um deputado, sem conchavo com os liberais ou com os conservadores, favor que êle não aceitaria desde que êsse apóio lhe fôsse dispensado mediante transações, — J. A. Coutinho desistiu de sua candidatura.

A 20 de novembro, após completar seis meses de vida, a Voz do Povo suspendia a publicação, em virtude de ter de retirar-se de Santa Catarina "o cidadão J. A. Coutinho, nosso intransigente correligionário e seu principal redator, a quem se

deve a sua existência que hoje expira”, dizia o próprio jornal em seu último número.

J. A. Coutinho — cujo nome por extenso era José de Araújo Coutinho — residia no Destêrro fazia 14 anos e ali constituira família. Tendo, sem nenhum êxito, tentado dedicar-se ao comércio e à indústria, e encontrando-se em situação precária, deixava êle a capital da Província em busca de outro meio mais adiantado onde pudesse desenvolver a sua atividade. Republicano sincero e desinteressado, fundara a Voz do Povo para a defesa e propaganda de seus ideais. Dizia êle que não fôra a necessidade de procurar em outras paragens meios para manter sua numerosa família, “alcançaria, indubitavelmente, a glória de ter iniciado e engrandecido nesta abençoada e florescente parte do Império o partido republicano — único que há de agir pela coletividade dos interesses da pátria, etc.” (10).

A Voz do Povo, ao contrário do título que lhe fôra imposto, era, antes, uma voz clamantis in deserto, a voz dêsse abnegado J. A. Coutinho, que encontrara pela frente, para combatê-lo acirradamente, os órgãos de publicidade contemporâneos — A Luta, A Regeneração, o Jornal do Comércio e O Conservador, além de O Moleque, revista artística ilustrada, da qual era redator Cruz e Souza e um dos colaboradores Virgílio Várzea, e de A Matraca, periódico crítico ilustrado, dirigido pelo caricaturista Joaquim A. O. Margarida.

Não seria, pois, através dos clubes e dos jornais que pugnavam pelo estabelecimento do novo regime, que a República iria triunfar. Vimos quão lento era o avanço da idéia republicana em Santa Catarina — e o mesmo ocorreria em todo o País sendo evidente a hostilidade, senão a indiferença, com que esbarravam os seus propagandistas. — “É conhecida — diz R. Magalhães Júnior (11) — a observação de Quintino Bocaiuva, quando Silva Jardim partia para uma de suas pregações republicanas. Segurando um dos botões da farda do então tenente Lauro Müller, teria dito o grande jornalista: — “Pois é com isto que eu conto fazer a República.” — E assim aconteceu.

---

(1) Os Partidos Políticos de Santa Catarina (1821-1871) — Rio de Janeiro, 1915, p. 59.

(2) Traços Biográficos do Cidadão Antônio Justiniano Esteves Júnior, Rio de Janeiro, 1926, p. 7.

(3) Marcos Konder — Lauro Müller (Ensaio bibliográfico), 2.<sup>a</sup> edição, Imprensa Oficial, Florianópolis, 1957, p. 25

(4) A Voz do Povo, Destêrro, 31 de maio de 1885.

(5) A Revista Federal, I, nr. 11 (31 de março de 1887), apud George C. A. Bohrer — Da Monarquia à República (História do Partido Republicano do Brasil — 1870-1889) — Tese de doutorado em Filosofia, apresentada à “Graduate School of Arts and Sciences”, da Universidade Católica dos Estados Unidos — Tr. de Berenice Xavier — Ministério da Educação e Cultura — Serviço de Documentação — Rio de Janeiro, 1957. — O Prof. Bohrer é atualmente adido cultural da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil. É êle autor de outras obras sobre o nosso País e publicará brevemente Edição crítica dos apontamentos para a civilização dos índios bravos do Reino do Brasil e tem em preparo o livro A Igreja Católica e o Império Brasileiro.

(6) Manoel Correia de Freitas — ou Defreitas, como mais tarde passou a assinar-se — nasceu em Paranaguá, a 29 de novembro de 1853. Era filho de Domingos Correia de Freitas, natural de São Francisco do Sul.

(7) A Rev. Federal, n.1, apud George C. A. Bohrer, op. cit.

(8) RCN., 18-12-1887. ap. George C. A. Bohrer, op. cit.

(9) Almanaque Republicano, p. 114, ap. George C. A. Bohrer, op. cit., e Fôlha Livre, de Joinville, de 29-5-1887.

(10) Se J. A. Coutinho realmente se retirou da capital da Província, mais tarde teria a ela retornado, pois a 7 de janeiro de 1890 era nomeado membro do Conselho Municipal do Destêrro.

(11) Dcodoro — a espada contra o Império — Rio de Janeiro, 1957, vol. I, p. 319.

# HERMANN WENDEBURG

---

No Gabinete do sr. Prefeito de Blumenau, existe um belo quadro a óleo representando o busto, em tamanho natural, de Hermann Wendeburg, um dos mais eficientes, dignos e honrados colaboradores do dr. Blumenau na direção da sua colônia.

Esse retrato foi pintado por um grande artista alemão, de muita fama naquela época, o pintor Hermann Wisliscenus, professor da Academia de Pintura de Dusseldorf, sob encomenda feita por amigos e admiradores do homenageado. Esse belo óleo chegou a Blumenau em janeiro de 1885 e, depois de ficar alguns dias em exposição no negócio de Luiz Sachtleben (onde hoje está instalada a Distribuidora Catarinense de Tecidos, à rua 15 de novembro) foi solenemente inaugurado na sala das sessões da Câmara Municipal, em sessão solene, a 2 de fevereiro do mesmo ano e durante a qual o sr. Júlio Sametzki (um dos voluntários da Guerra do Paraguai) fez um discurso em alemão, exaltando as virtudes do homenageado. Os doutores Antunes e Fontes, da Comissão de engenheiros, falaram em português, manifestando a gratidão dos blumenauenses pela grande soma de serviços prestados por Wendeburg, que falecera a 13 de janeiro de 1881 (4 anos antes dessa homenagem). Um dos prefeitos que assumiu o governo do Município após a revolução de 1930, tendo feito mudanças nos departamentos da Prefeitura, mandou esse retrato, com outros de grande valor histórico, para o depósito geral, de onde outro prefeito o tirou, salvando-o de destruição quase certa, para colocá-lo no gabinete do chefe do Executivo, no prédio que, havia pouco, fôra completamente modificado, tanto no seu aspecto externo, como nas divisões internas.

---

**E**m 1880, pela lei n.º 861, de 4 de fevereiro (no mesmo dia em que foi criado o município de Blumenau) foi suprida a comarca de Itajaí (de que Blumenau fazia parte) e anexada à de Nossa Senhora da Graça de S. Francisco. Mas já um ano depois, a 30 de março de 1881, a comarca de Itajaí foi restaurada pela lei n.º 924, compreendendo, em sua jurisdição, o município de Blumenau, que ainda não tinha sido instalado.

---

**E**m 1875, a Matriz de Itajaí estava praticamente em ruínas. Agostindo Alves Ramos, (o homem que deve ser considerado o fundador da cidade) conseguiu que fosse votada e sancionada a lei 750, de 28 de abril, abrindo um crédito de 2 contos de réis para atender aos reparos mais urgentes. Mas parece que a coisa não passou da assinatura da lei.

---

**U**ma resolução de 29 de março de 1858 determinou que "para professor de primeiras letras das colônias D. Francisca (Joinville) e Blumenau, exige-se que o candidato seja cidadão brasileiro, maior de 21 anos, de bons costumes e saúde e que, além das matérias próprias do ensino, saiba a língua alemã".

# Voluntários da Pátria

Graças à gentileza do nosso dedicado e culto colaborador, sr. dr. Carlos Ficker, podemos apresentar aos nossos leitores a descrição do embarque dos voluntários alemães que partiram da Colônia Blumenau, em 1865, para os campos do Paraguai. Essa narrativa vem publicada no "Colonie Zeitung", n.º 42, de 21 de outubro de 1865, e foi enviada de Blumenau àquele semanário joinvilense pelo seu correspondente o pastor Oswaldo Hesse, testemunha de vista do acontecimento. Trata-se de uma passagem interessante da nossa história e bem pouco conhecida da atual geração de blumenauenses.

"Blumenau, 5 de outubro. A nossa colônia viveu, nestes dias, alguns dos momentos mais emocionantes da sua existência. Há pouco, deixaram-nos 56 dos que conosco moram aqui e que, como voluntários, seguiram para os campos de luta em defesa da nova Pátria e da sua honra. Tão logo aqui chegara a notícia do pensamento do Presidente da Província de criar um batalhão de voluntários alemães, sob o comando de oficiais alemães, a direção da nossa Colônia apressou-se em publicar um vibrante e caloroso apêlo, levando ao conhecimento de todos esse pensamento. Com sempre crescente entusiasmo, dia após dia, foram aparecendo as inscrições de voluntários. Encontrou-se logo um chefe na pessoa do antigo oficial prussiano, sr. Engenheiro Odebrecht. Assim, em pouco tempo, estava completo o número acima referido e, o dia de hoje (5 de outubro), foi o designado para a partida. Às sete da manhã, o clarim tocou reunir. Num espaço de tempo menor do que seria de esperar depois de uma noite de alegrias e emoções, reuniram-se os voluntários, com poucas exceções, num selecionado batalhão. Arregimentados em dois grupos, foram eles saudados pelo atual Diretor da Colônia (o dr. Blumenau seguira a 18 de março, com uma licença de seis meses, para a Alemanha e ainda não voltara), senhor Hermann Wendeburg, o qual em alocução muito séria e elevada, chamou-lhes a atenção para o compromisso que assumiam e entregou-os ao comando do senhor Odebrecht. Este, nomeou em seguida, dentre os mais experimentados, cinco graduados e comandou um deles, com o seu grupo, para ir buscar a bandeira nacional que algumas senhoras haviam enfeitado com brilhantes fitas vermelhas, brancas e amarelas, com a inscrição: "Colônia Blumenau, cinco d'outubro 1865" e trazê-la com as costumeiras cerimônias até a frente da tropa.

Era cada vez maior o entusiasmo de todos. Centenas de circunstâncias rodeavam os voluntários e já se viam, aqui e ali, comoventes cenas de despedida e então o pastor evangélico, Rev. Hesse, (já que ao solene ato não poderia faltar a benção da religião) tomou a palavra, depois que todos, como obedientes a um comando, se descobriram, fazendo algumas sérias advertências e dando, depois, aos que partiam a benção da igreja. Imediatamente depois os voluntários organizaram-se em seções e puzeram-se em marcha, sob brilhantes acordes musicais,

com a bandeira panejando à frente, até o engenho de serrar que fica, mais ou menos, uns mil passos, rio abaixo.

Antes que eles embarcassem nas diversas lanchas, o sr. Wendeburg levantou ainda um viva! ao Imperador, ao Brasil e aos voluntários o qual foi correspondido com estridentes hurras!

Merece louvores especiais a exemplar ordem, e não menos a justificada ansiedade da espera que se notaram durante tôdas as festividades da reunião. O dia de hoje será inesquecível. Possa êle tornar-se e perpetuar-se como um verdadeiro dia de glória para os nossos irmãos que o inimigo paraguaio atraiu para o campo de luta, assim como para a nosas Colônia e para todos os alemães. ROH”

“Blumenau, 9 de outubro. Hoje tem o correspondente que chamar em seu auxílio tôdas as Musas que o capacitem, a traduzir, de qualquer forma, o entusiasmo, a alegria e outras que tais manifestações causadas pelas notícias que nos chegam da maneira como os nossos Voluntários foram recebidos na Vila de Itajaí, por parte dos brasileiros e alemães. Foram saudados pelas autoridades e o Capitão Flôres colocou-lhes laços de fitas com as côres nacionais; os navios fundeados no pôrto fôram embandeirados em arco. Mais de cem mil réis de foguetes atroaram os ares. E o comer e o beber! . . . Em tais circunstâncias, os já determinados três dias de marcha serão poucos. . . ROH”.

“Ao todo, a nossa Colônia já concorreu, até agora, para a defesa da Pátria, inclusive, com os que anteriormente já se apresentaram ao exercíto como voluntários, com 70 homens. Comparado êsse número com a população, teremos que mais de 25% dos seus homens capazes de tomar armas se apresentaram. Esperamos com alegre entusiasmo que o ideal da honra alemã também na nova pátria esteja, nas nossas, em boas mãos.”

**NOTA DA REDAÇÃO:** A tradução supra, da correspondência dirigida pelo Pastor Oswaldo Hesse ao “Colonie Zeitung”, de Joinville, pode suscitar várias dúvidas, consideradas as versões que, até agora, tínhamos a respeito do número dos voluntários e da data exata da sua partida. Segundo se verifica do “Diário” de Von Gilsa, que o nosso eminente colaborador, sr. Tte.-Coronel Wiederspahn analisou, demoradamente, no trabalho que publicamos nos números 6/10 do tomo Vº dêstes “Cadernos”, a partida dos primeiros 57 voluntários se dera a 5 DE SETEMBRO NUMA QUINTA-FEIRA, SEGUIDOS DE OUTROS 11 EM 23 DE OUTUBRO. Segundo, entretanto, tôdas as evidências, a data que deve subsistir não é essa e, sim, a dada pelo pastor Hesse, testemunha ocular, participante do acontecimento, cujos pormenores foram, por êle, transmitidos ao jornal, de que era correspondente, NO MESMO DIA em que ocorreu. Gilsa que, como se vê, não esteve presente à partida dos Voluntários de Blumenau, escreveu o seu diário em campanha, sendo, portanto, provável tenha cometido, tanto nesse, como noutros detalhes, alguns lapsos. Reforça essa suposição o fato, ao qual o dr. Ficker nos faz referência em carta, de que o dia 5 de setembro de 1865, não ter sido, como afirma Gilsa, uma QUINTA-FEIRA e, sim, uma TERÇA-FEIRA. O dia em que o pastor Hesse escreveu a sua correspondência, (5 de outubro) êsse, sim, foi uma QUINTA-FEIRA. De nossa parte, a preciosíssima correspondência do Pastor Hesse afasta tôdas as dúvidas que se pudessem ter a respeito, frente ao diário de Von Gilsa. O dia da partida do primeiro grupo de Voluntários Alemães, composto de 56 homens (não 57) partiu de Blumenau a 5 de outubro de 1865, pela manhã, sob o comando do Tenente Odebrecht para Itajaí, de onde seguiu, por terra, para a capital da então Província.

# A VELHA MATRIZ

A antiga igreja matriz de São Paulo Apóstolo, de Blumenau.

Na época em que foi apanhada essa fotografia, a construção já não era, integralmente, a mesma dirigida por Henrique Krohberger, autor, também, das plantas e que fôra inaugurada em 1876.

Já havia sido ampliada com acréscimos laterais, que lhe deram a forma de cruz.

Também a elegante e esbelta torre primitiva fôra alterada para dar lugar aos novos sinos e relogio de quatro faces que a primitiva não comportava.

Com essas modificações, o belo templo blumenauense perdeu tôda a estética e beleza de linhas do projeto executado por Krohberguer. A escada, como se vê, descia em linha direta para a rua 15 de novembro, com apenas



um patamar em meia altura. Em 1937, essa escada foi também alterada em virtude do corte, que se procedeu, da esquina das rua 15 e Padre Jacobs, então chamada Rua Espírito Santo. Com a construção da nova matriz e de sua torre monumental, a paisagem, nesse trecho de Blumenau, ficou completamente outra, sem vestígio algum da que foi até bem poucos meses atrás.



**B**rusque foi elevado a município pela lei provincial n.º 920, de 23 de março de 1881. O seu território compreendia o das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro e a sede, que foi elevada, pela mesma lei, à categoria de Vila, teria a denominação de "Vila de São Luiz". O nome de Brusque, por que já então era conhecida, foi-lhe dado, posteriormente, no governo Lauro Müller cujo decreto veio oficializar o nome que já se popularizara.

# A SOCIEDADE de CULTURA

A "Kultur-Verein" à qual, por mais de uma vez, já nos referimos nestes "Cadernos", foi uma das sociedades blumenauenses que maiores serviços prestou à coletividade. E para que se possa ter uma idéia da variedade de objetivos que consistiam das suas atribuições, traduzimos do "Colonie-Zeitung", de Joinville, de 1.º de fevereiro de 1868, a seguinte correspondência assinada por FREIHOLD":

Blumenau, dezembro de 1867. A 2 do corrente mês, realizou a Sociedade de Cultura local uma reunião na sede dos Atiradores, na qual ficou deliberado que, futuramente, serão realizadas reuniões em diversas localidades da Colônia. Essa decisão trará, em todo caso, bons resultados, sendo que a sua concretização despertará maior interesse pela sociedade, concorrendo para o aumento do número de sócios e estimulando a iniciativa em relação às atividades agrícolas mais metódicas. H. Friedenreich, não desiludido com diversas experiências frustradas, apresentou um vinho de laranjas, que foi muito apreciado por todos. Pretende ele aumentar a produção na próxima colheita, também para exportação, na forma de uma bebida saudável em substituição da cachaça, pelo aproveitamento de uma fruta cujo cultivo aqui dá ótimos resultados.

A noite, organizou a sociedade um baile, em comemoração do aniversário do Imperador, o qual foi muito concorrido e só terminou com o sol nascente. O brinde de honra à Sua Majestade, levantado pelo diretor H. Wendeburg, foi calorosamente aplaudido.

Através de um levantamento feito nas últimas semanas, constatou-se o fato lamentável da ausência de compreensão, entre os colonos, do valor da estatística, tão proveitosa quanto indispensável no desenvolvimento da economia pública. Soube-se de casos, até então, não só de falta de compreensão, como de manifesta má vontade.

É necessário agir através de exemplos e ensinamentos para extinguir opiniões errôneas e substituí-las pela compreensão e convicção da necessidade de organização de relações estatísticas decretadas

pelo governo. Seria um ponto a ser incluído no programa da Sociedade Cultural.

Conforme notícias colhidas, entre a população total de 3 391 almas, 127 meninos e 136 meninas, portanto 263 crianças, receberam instrução escolar nas 12 escolas existentes. Considerando-se que, nas regiões mais distantes da Colônia, ainda faltam escolas, a relação numérica de alunos não é insatisfatória. A coisa muda, entretanto, observando-se a relação da frequência. Constatam-se casos de 0 a 100% de ausências. Que os pais, a quem mais se deve atribuir essas faltas, se convençam que eles nada de mais precioso podem oferecer aos filhos do que proporcionar-lhes a instrução adequada. Eles deveriam considerar que, mais tarde, por falta de cultura dos cidadãos, representados na atual juventude escolar, os postos exponenciais da administração dos núcleos de colonização alemã, por força das circunstâncias, serão ocupados por brasileiros e a cultura e os nossos costumes atávicos, ao invés de serem aproveitados cada vez mais em prol do nosso desenvolvimento, de nada mais nos servirão, extinguindo-se, finalmente.

Existem atualmente 5 prédios escolares na colônia, dos quais dois foram construídos, inteiramente, às custas do governo, que contribuiu, também, para os outros 3. É de se mencionar ainda que, por parte da direção da Colônia, foram reivindicados auxílios para mais dois prédios escolares, sendo um para Encano e outro para o Alto Rio do Têsto, de 600\$000 para cada um e cujo deferimento se espera.

Há poucos meses publicou este jornal a tradução de um regulamento para as Colônias, organizado pelo Governo. Se bem que este

projeto, para peritos de sistemas de auto-administração, não seja perfeito, divergindo, mesmo, em diversos pontos, da constituição liberal da nossa nova Pátria, não devemos esquecer que as colônias não se podem manter ainda pelos próprios impulsos, necessitando, seguidamente, de auxílios da parte do governo. Podemos, mesmo assim, receber com satisfação a introdução deste Regulamento, como primórdios do início da auto-administração.

Em outubro já chegou a aprovação, por parte da instância governamental, dos nomes propostos pela direção da Colônia, para o Conselho Colonial. São os dos senhores Baucke, Freygang, Kuelps, Muller, Schreiber e Spierling. Além desses cidadãos é o médico da colônia (Dr. Knoblauch) membro perpétuo e o diretor (H. Wendeburg) presidente deste conselho.

O último convocou para 5 de novembro uma reunião para proceder-se a eleição do secretário e suplente do mesmo, ficando um dos membros ainda incumbido do planejamento do programa de regulamento comercial. Foram tomadas outras decisões e deferidos pedidos de empréstimos financeiros.

Na segunda reunião, a 3 de dezembro (as reuniões realizam-se sempre às primeiras terças-feiras

de cada mês) foi aceito este projeto do regulamento comercial e deliberado sobre outros assuntos. Convém realçar as seguintes decisões: Mandar traduzir e imprimir as Posturas para torná-las acessíveis aos colonos; construir fornos para os colonos recém-chegados; adquirir um terreno para curral do Conselho; construir diversas estradas e pontes, assim sobre o Encano e a Itoupava; empregar inspetores de caminho, com pequena gratificação, etc.

Será o projeto governamental de regulamento para as Colônias adotado, por enquanto, apenas experimentalmente, pretendendo-se empreender estudos e discussões sobre o assunto, para, caso consideradas oportunas algumas alterações, apresentá-las ao governo para a devida aprovação.

Suponho ser do conhecimento geral que o projeto do Regulamento Colonial, organizado pelo Conselho anterior, não obteve a respectiva aprovação.

Mesmo assim, os seus representantes se reuniram recentemente de novo, propondo novas eleições para o ano próximo. A maioria, entretanto, com critério acertado sobre a situação, declinou da proposta. Deveria ter sido, portanto, este o último sinal de vida desta corporação. Seria? Freihold".

— ★ —

Um artigo de posturas da Câmara de Itajaí, aprovado pela Assembléia Provincial em maio de 1875, já apontava e impunha penalidades a que se desse ao exercício de uma atividade que, apesar de tudo, continua a ser um grande mal para a economia particular nos dias que correm: o da praga dos atravessadores que encarecem exageradamente os bens de consumo obrigatório. O citado artigo dizia assim: "São considerados atravessadores aqueles que, esperando os produtos em caminho, os comprarem por grosso ou na maior parte, para depois os revenderem por atacado ou a varejo. É proibida esta indústria para a qual não haverá licença: os contraventores serão multados em 30.000".

\* \* \*

O ensino primário em Santa Catarina foi tornado obrigatório pela lei 776, de 21 de maio de 1875 para toda criança maior de 7 e menor de 14 anos compreendida num raio de 2 quilômetros a contar da sede da povoação ou da escola. Mas, já uma lei do ano anterior (1874) obrigava todo aquele que tivesse em sua companhia maiores de 7 e menores de 10 anos, fôsse pai ou tutor, a dar-lhes instrução primária, sob pena de pagarem uma multa de 4\$000 que poderia ser repetida nas reincidências até 20\$000.

# OUTRO REQUERIMENTO DO DR. BLUMENAU

No nosso número passado, publicamos um requerimento dirigido pelo Dr. Blumenau ao Governo Imperial, solicitando favores para a sua colônia nascente.

Damos, nesta edição, outro requerimento da mesma época, versando a mesma finalidade. Tanto o anterior, como este, é de grande interesse para o conhecimento do passado blumenauense.

Senhor .

O Dr. Hermann Blumenau teve a honra de submeter à alta consideração de V.M.I. hum projecto e orçamento para a fundação de huma colonia nas margens do Rio Itajahy, na Provincia de Santa Catharina, offerecendo o supplicante para esse fim as terras que ali possui e que elle não duvidaria distribuir gratuitamente pelos colonos, e sollicitando do Governo Imperial o adiantamento dos fundos necessários para as despesas indispensáveis, as quaes seriam reembolçadas em oito anos. Este projecto, desenvolvido em uma memoria acompanhada do requerimento do supplicante, foi remettido por intermedio e com informação do Presidente da Provincia de Sta. Catharina à Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio. A conveniencia, senão imperiosa necessidade para o Brazil, de estabelecer já e já dous ou mais nucleos de colonização que possam servir de base e conite da immigração espontanea para o Imperio foi demonstrada na referida memoria: entre outras razões ponderou o supplicante a concorrência do governo do Chile, cujo plano de attrair colonos, além de conceder os maiores favores, já se acha publicado e em acção practica na Allemanha, como consta do documento junto "A", o qual junto a diversos jornais e à "gazeta da emigração alemã", foi espalhado em muitos milhares de exemplares naquele paiz e vae literalmente traduzido. De sorte que, no humilde conceito do suppte. que ha seis anos estuda praticamente os meios de promover a colonização) se o Brazil não se apresurar a fazer esforços, para neutralisar ou tornar menos nociva aquel-

la concorrência do Governo do Chile, a qual já tinha o effeito, que, apenas passados quatro mezes depois da publicação do documento junto "A", se dirigiram mais de seiscentos emigrados já para o principio á Valdivia, de certo daqui há dois anos toda a corrente da emigração allemã destinada à America do Sul, tomará rumo do Chile e talvez ao mesmo tempo o das margens do Rio da Prata, em prejuizo talvez irreparavel do Brazil.

O suppte. pensa alem disso que o seu projecto de acordo com o espirito e letra do art.º 18 da nova lei n.º 601 de 18 de setembro de 1850 está no caso de poder ser admitido e protegido pelo Governo Imperial porquanto poucos lugares ao Sul do Imperio carecem mais do que o Rio Itajahy, no continente da Provincia de Sta. Catharina, do estabelecimento de huma colonia, que acha alli reunidas todas as condições e circunstancias favoraveis à sua futura prosperidade e contribuiria de certo para a repressão das correrias das tribus selvagens e para mais comoda e rapida comunicação com a Provincia de São Paulo e todo o Norte.

Quando porem o governo imperial em sua sabedoria entender, não lhe ser conveniente, concorrer por meio de adiantamentos pecuniarios para a fundação da colonia segundo o plano, que o suppte. teve a honra, apresentar — em tal caso resignando-se a soffrer todo o mal, que em sua opinião dali virá ao sistema tão apregoaado como desejado, de colonizar UTILMENTE este magnifico paiz, não resta ao suppte. outro recurso, para poder sustentar-se na difficil posição em que as circunstan-

cias o teem colocado, senão o de supplicar a V.M.I., se digne adiantar-lhe, como se tem feito à outros emprehendedores de colonias o preço da passagem dos colonos que em virtude de contratos anteriores ao ano de 1850 e celebrados quando ainda regia a lei que concedeu ao Governo Imperial creditos para promover a colonização, foi arranjada pelo suppte. na Allemanha.

Durante a sua estada ultima nesta sua antiga patria, o suppte., por si, seus parentes e amigos, contratou a passagem de cincoenta familias para se estabelecerem nas terras de sua propriedade; e com effeito, como consta dos documentos juntos (BB) já recebeu o suppte. trinta e seis colonos e está á espera dos outros, que devem vir successivamente chegando. Lisongeando-se o supplicante de poder merecer a confiança do Governo de V.M.I. não só pelas informações que tem tido em seu

abono, como pelos serviços e notorios esforços que o mesmo suppte. tem feito na bella Provincia de Sta. Catharina, para que suas imensas riquezas naturais sejam aproveitadas por meio da introdução de braços livres e de um systema de colonização regular e bem calculado, único que pode ser util, espera o suppte., que o Governo imperial se servirá, quando desattenda ao seu projeto, attender ao menos a este seu pedido e mandar-lhe adiantar, guardadas as formalidades precisas, a soma necessária para o pagamento da passagem das cincoenta familias supramencionadas, que não podem deixar de comprehender alem de duzentos e vinte e cinco individuos. Portanto o Suppte. P. a V.M.I. haja por bem, tomar em sua benigna consideração a presente petição e deferir favoravelmente ao suppte. E.R.M. Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1851 (Ass) Dr. Hermann Blumenau.

**(Informação do Presidente da Provincia de Santa Catarina, Dr. João José Coutinho, dada por êste no requerimento do Dr. Blumenau:)**

P.A. ao Exmo. Snr. Visconde de Olinda, em 9 de Janr.<sup>o</sup> de 1851.

A. V.M. Imperial pede o Suppte. a Graça de admittil-o a contractar com o Governo de V.M. a fundação de uma Colonia agricola, e industrial nas terras, que possui nesta Provincia. Sobre a pretensão do Suppte. tenho a informar a V.M. que elle obteve conjuntamente com Ulrico Haeberle desta Presidencia dous prazos, ou Districtos de duas legoas em quadra nos sertões do Itajahy para estabelecer Colonias na forma da Lei Provincial N.<sup>o</sup> 49 de 15 de Junho de 1836 e que alem desses dous Districtos, que comprehende 8 legoas quadradas, possui talvez, por compra, perto de duas legoas em quadra, onde ja tem alli estabelecido alguns Colonos. O Suppte. goza de conceito; tem com afinco estudado a melhor maneira de estabelecer Colonias nesta Provincia. Al-

gumas de suas observações são exactas, e uma das grandes difficuldade da colonisação do interior desta Provincia é a falta de segurança dos colonos, que são, e devem continuar serem aggedidos pelos Indios, mas nos mezes de Nobr.<sup>o</sup> a Abril, se fortes destacamentos se não espalharem pelos certões. As quantias cottadas pelo q/ diz respeito a esta Provincia não são excessivas. Quanto ao todo de suas observações, e as particularidades da Empreza o Governo de V.M. Imperial melhor que eu apreciando, poderá com mais exactidão informar a V.M. Imperial, para q/ V.M. Defira como melhor Houver por bem.

Palacio do Governo de Santa  
Catharina,  
24 de Dezembro de 1850.

(Assinado) João José Coutinho.

## ESTANTE DOS "CADERNOS"

---

"NA ROTA DO "MEYFLOWER", Silveira Júnior — Tipografia Blumenauense, 1962. — Publicado já no segundo semestre, do ano passado, veio-nos agora às mãos, com gentil dedicatória do seu autor, o belo livro de Silveira Júnior, "Na rota do "Mayflower" (Vulgaridades e Coisas sérias; sôbre os EE.UU.)

Em volume de 260 páginas, impresso na Tipografia Blumenauense S.A. desta cidade, o autor conta interessantíssimas passagens da sua estada recente na America do Norte. E conta em notas ligeiras, vazadas num estilo admiravelmente simples e agradável.

A gente não sabe o que mais admirar nesse livro: se a naturalidade com que Silveira Júnior registrou o que viu e ouviu entre os americanos do Norte, se o seu modo todo original de dizer as coisas, como elas de fato são, e com a correção de linguagem que todos admiram no brilhante jornalista de Itajaí.

Silveira Júnior descobriu um modo interessante de não estafar o leitor com longas arengas, com descrições intermináveis de paisagens conhecidas ou inéditas que se lhe apresentaram à vista e à inteligência durante o curso de que fez parte na grande república.

Nas "Notas prévias", o autor esclarece: "Repito o que digo em outro local: Preocupe-me menos com os aspectos sociológicos, urbanos e geográficos das cidades vistas, do que com o trivial da vida diária. Penso que os primeiros podem ser lidos em trabalhos mais sérios, mas não há uma enciclopédia que nos diga quanto custa um bife em Nova Torque".

Silveira Júnior conseguiu, e de maneira brilhante, dar-nos uma idéia da realidade da vida americana. E certamente, para quem quizer conhecer a grande república nos seus aspectos mais importantes, mais íntimos, o livro que temos presente vale muito mais do que maçudos calhamaços, cheios de história, geografia e estatísticas.

É um livro, enfim, que a Embaixada Americana deveria mandar reimprimir e até traduzir e distribuir à larga porque, sincero como é, no retratar o que se passa no quotidiano da vida americana, vale como a melhor e a mais convincente das propagandas.

Como literatura, o livro de Silveira Júnior é admirável. Lê-se-o com crescente interesse e renovado prazer. Uma leitura que encanta, ao mesmo tempo que nos instrui, dando-nos uma visão perfeita do quadro, pintado pelo autor, em todos os seus ângulos, visão que é bem diferente daquela que nos proporcionam os filmes cinematográficos e certo gênero de literatura encomendada e bem paga e que, nem por ser assim diferente, é menos pitoresca e amável.

A Tipografia Blumenauense, por sua vez, esmerou-se na parte material, tendo feito um trabalho apresentável, com bela capa, excelente papel, e não menos perfeita impressão.

Os nossos parabéns a Silveira Júnior pelo seu magnífico livro.

# Um notável empreendimento hoteleiro

Levantado na esquina das ruas 15 de Novembro e Barão do Rio Branco, o Grande Hotel Blumenau constitui-se numa das mais atraentes e majestosas construções da "Cidade-Palácio".



Edifício moderno, em local de onde se descortina panorama estonteante, montado com luxo impressionante, o Hotel Blumenau está aparelhado para atender aos mais apurados e exigentes hóspedes.

A sua construção, feita em poucos meses, dotou a cidade de mais um motivo de atração turística, de orgulho para a sua população.

Com 80 apartamentos, todos dotados dos mais modernos e confortáveis aparelhamentos, com ampla garagem subterrânea, salões e áreas de descanso montados luxuosamente, o Grande Hotel rivalisa mesmo com os melhores do estrangeiro, na opinião de elementos autorizados, que nele têm se hospedado.

Blumenau, está, assim, aparelhada para receber, com conforto e distinção, todos quantos a visitam, oferecendo-lhes condições de estada como em nenhuma outra parte do país.



**A** pacificação dos índios botocudos do Vale do Itajaí começou a ser feita em 22 de setembro de 1914 quando Eduardo de Lima e Silva Hoerhann conseguiu estabelecer contacto pacífico com os mesmos em Rio Plate, iniciando os trabalhos de sua fixação naquele local, onde foi criado o Posto Duque de Caxias, do Serviço de Proteção aos Índios. Eduardo, no Paraná, já se dedicara aos mistérios da pacificação de índios, conhecendo-lhes bem o idioma e os hábitos.

**O** Rio Itajaí Mirim é tão cheio de curvas que parece ter sido conhecido dos navegantes que visitaram as costas catarinenses nos primeiros anos do descobrimento por "Rio das Voltas", ou de "Las Bueltas" como consta do Mapa de Ramúcio de 1563. Segundo o eminente mestre Lucas Boiteux, essa designação do citado mapa, como a do anterior, de Maggiolo, datado de 1519, se refere ao rio que banha a cidade de Brusque e que, realmente, em matéria de "Bueltas", está entre as que mais a têm.

# Chegada de imigrantes no Vale do Itajaí

## No comêço do século

(Das memórias do Sr. Peter Schelle, imigrado na Colônia Hansa, hoje município de Ibirama).

“...Embarcamos em Hamburgo, no navio “Destêrro”, com escala nos portos de Leixões, Pôrto e Lisboa, em Portugal, e Paranaguá e São Francisco e Itajaí, no Brasil, com destino a Blumenau.

Aqui chegados, tomamos alojamento no Hotel Holetz (local onde, hoje, se ergue o “Grande Hotel Blumenau”) onde os quartos do pavimento superior estavam ainda sem rebôco.

Na manhã seguinte, estavam três carroças, atreladas com quatro cavalos e um carro de mola à nossa espera para a partida para Hammônia, hoje Ibirama, sede da administração das Colônias Hanseáticas.

— Pois agora, falou o condutor da caravana, um conhecido personagem da vida blumenauense daquela época, o sr. Jacob Schmidt, as mulheres e crianças embarcam nas carroças e no carro de mola e os homens seguem a pé. Mas, sem sapatos, pois tem chovido muito e vocês vão ver o que é lama! Quem tiver botas, calce-as. Quem as não tiver, tem que ir descalço.

Começaram logo a cair as primeiras gotas. Mas não foi do céu...

A marcha do primeiro dia levou-nos até Warnow, onde o chão da hospedaria foi o nosso alojamento. Éramos quatro casais, dos quais dois com um filho cada, mais cinco homens solteiros que, aqui pretendiam escolher as suas espôsas. Um dêles carregava um violão-baixo, outro uma bicicleta, instrumentos que abandonaram durante a marcha. O proprietário do instrumento musical era tecelão, o do veículo, desenhista de cortinados. Sabendo de fábricas do ramo em Brusque — meia volta, volver! Para lá se foram êles!

A caravana chegou até Aquidaban (hoje Apiuna) onde foram intercalados três dias de descanso involuntário, devido à cheia do Itajaí e seus afluentes.

Partimos ao meio dia do quarto para a Colônia Hansa.

Ah! Aquêles morro do Côcho! Vista maravilhosa, sim, até a Serra do Mirador, com vales presumíveis entre os dorsos dos morros. Outro solteiro parou para voltar. Miséria topográfica como esta, nem nas montanhas da Suíça! Por acaso não tínhamos pôsto sentido do que era a região desde o Morro “Cabeça de Bugre”?

Indagando quanto à sua profissão, contou-nos que era estudante de medicina, faltando o último semestre para concluir os estudos. Pretendia graduar-se aqui. Duas famílias que tinham abandonado Hansa e vinham de volta, adiantaram-lhe que era nenhuma a possibilidade de conclusão, por aqui, de curso universitário.

Finalmente chegamos na sede da Colônia, no “Stadtplatz (local da cidade) de Hamônia.

Após alojamento ideal na venda e hospedaria do sr. Wily Josten,

partimos e alcançamos, neste dia ainda, o ponto final da jornada, o rancho de recepção de imigrantes na desembocadura do Ribeirão Rafael no Rio Hercílio. Havia quatro divisões com leitos de folhas de palmeiras, material que constituía, também, a cobertura.

Descarregar e dar volta foi um gesto só de boleiros e carroceiros, pois, daqui por diante vigorava a senha: "Trânsito impedido".

Encontramos na agreste hospedaria duas famílias que, pouco antes de nós, haviam chegado num navio do Loide Bremen. Com mais estas seis pessoas, chegou o nosso grupo a constituir-se de 19 pessoas, inclusive dois homens solteiros. Às sete horas da manhã seguinte, fizemos o propósito de partir juntos a procura de bons lotes, antes que outros viessem a escolher o que havia de melhor. Decidimo-nos pela margem direita, entre a embocadura e o Salto do "Rafael"!

Um dos solteiros armou a sua tenda junto à atual propriedade do sr. Schacht, juntando-se a uma família já ali estabelecida.

O dia do Natal, passamo-lo trocando idéias, fazendo rodadas de aguardente de cana e cantando. Não havia presentes e nem mesas em que os pudéssemos depositar

No segundo dia de festa de Natal, dia 26 de dezembro, fomos registrar os lotes escolhidos nos livros da Direção da Colônia. Compramos mantimentos e ferramentas necessárias para a faina do desmatamento, carregando isso tudo nas costas numa caminhada, de ida e volta, de 32 quilômetros.

No dia 27, começamos a roçar os nossos lotes. À noite, mostrando as bôlhas nas mãos, dizia um dos solteiros que não poderia continuar nesses serviços pesados, pois era serralheiro de objetos de arte e vinha de Windhuck. Resultado: Regresso rumo a Dresde.

Depois de três semanas de mourejar, declarou P. Richter, um dos da nossa turma, que o propalado caminho de ligação Rafael-Joinville era um mito, que êle não continuaria nesse serviço bruto e já havia comprado um lote mais acessível, onde já havia plantação. (Após a ocupação, durante 22 anos pagou êle essa propriedade, sem juros. Faleceu aos 84 anos de idade. Que Deus o tenha em sua paz!)

Não demorou, surgiu o último solteiro dizendo que, após ter refletido maduramente, convencera-se que, aqui só se venceria à força bruta. E lembrar-se que posição havia êle abandonado além-mar! Fôra assistente do Agente do Correio em uma vila próxima a Berlim! Servira na categoria do Curso de Oficiais de Reserva, no famoso Regimento de Infantaria, cujos integrantes eram conhecidos pela alcunha de "Eesouros de Maio". (Diga-se a bem da verdade: na propriedade dos Schacht, êle não chegara a causar estragos...)

Como poderia adaptar-se alguém em lugar estranho, sem mulher e lar? Jamais duvidaram alguns imigrantes que, na sua pátria, existisse mulher com tal capacidade de renúncia e adaptação, que se decidisse seguir o espôso por todos os dissabores, disposta a enfrentar adversidades e infortúnios. Aconteceu, entretanto, que as aspirações naturais da mulher se concentram no marido e no lar, consista êste em casinha de chão batido ou em palácio magnificante.

Ambos, mulher e lar, irradiam alegria e representam, por sua vez, para o homem a idéia do aconchego pátrio.

O imigrante que, sem recursos, apoiado, apenas, nas próprias forças e colaboração da esposa decidiu fixar-se como colono neste país, que lhe era estranho, teve que suportar outros temporais que aqueles que o açoitariam na Pátria. Como sempre se verificou neste setor, venceram os elementos de real valor — os de menor fibra fracassaram e voltaram à sua terra.

Tirando o colono a substância para a sua existência do próprio solo, nasceu nele o sentimento de afinidade com a nova pátria, conjuntamente com o amor à gleba, a cujo cultivo êle se dedica.

Eu conheço as praias do Rio Grande do Sul, as do Paraná e as de Santos. Nenhuma, porém, poderia para mim superar em beleza as nossas de Camboriú e Piçarras. Conheço as regiões serranas e as capitais de quatro Estados do Sul — mas é sempre para o meu rincão que a bússola do meu bem-querer aponta....

(O sr. Peter Schelle, hoje com 84 anos de idade, imigrou em 1905 no município de Ibirama. Após alguns anos de trabalho porfiado na roça, exerceu a sua profissão de pedreiro-construtor, possuindo hoje situação consolidada. Realizou o seu objetivo que, segundo acima narra, teve desde o início, com a certeza de conseguí-lo com empenho e perseverança. Durante várias décadas exerceu o sr. Schelle a presidência do Hospital de Ibirama.)



## **BLUMENAU EM CADERNOS**

FUNDAÇÃO E DIREÇÃO DE J. FERREIRA DA SILVA

*ÓRGÃO DESTINADO AO ESTUDO E DIVULGAÇÃO  
DA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA*

ASSINATURAS: POR TOMO (12 numeros) CR.\$ 300,00

**REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

**BLUMENAU — STA. CATARINA — CAIXA POSTAL 425**

# A ERVA-MATE E A INDUSTRIALIZAÇÃO DE JOINVILLE

Carlos FICKER

Tem a erva-mate a sua história de esplendor e decadência.

Sabe-se que o vocábulo "mate" provém do quichua-mati, cuja, nome do recipiente feito do fruto da *Crescentia cujete*, o nosso cuitzeiro. Nele preparava-se, como ainda hoje, a infusão da *ILEX paraguariensis* e, por extensão, os espanhóis do Paraguai deram à bebida a designação do vaso que a continha e passaram a denominar YERBA MATE a árvore, chamada pelos guaranis "caá".

A história do uso do mate deita vetustas e profundas raízes nas primitivas civilizações incaicas, onde era conhecido pelos povos aborígenes do Perú, Equador, Bolívia e parte setentrional do Chile.

Há entretanto uma outra história que nos é relatada pela escola guarani. Segundo esta, a erva mate é originária da América do Sul, Região Oriental, remontando o seu uso a épocas longínquas, sendo que, em princípio do século 17, já a empregavam os índios guaranis do Paraguai, norte da Argentina e sul do Brasil, conforme notícias que nos fornecem os jesuitas de então, que fizeram do mate uma das fontes dos seus haveres no período da dominação do Paraguai.

Para os aborígenes, o mate era conhecido sob o nome de caá ou caá-mi e dele faziam uso, quer mascando as folhas, quer usando-as como beberagem, para resguardarem-se das doenças e do cansaço. Era também costume dos indígenas tupis e tapuias, ao empreenderem longas viagens, levarem as folhas entre os dentes, procurando dêsse modo, evitar não só a fadiga como também a fome. Com êsse recurso, passavam dois ou mais dias sem comer, apenas nutridos pelo mate. Possuindo Oleo essencial, Clorofila, Resina Tanino e Cafeína, o mate é um produto de grande valor nutriente.

O certo é que cabe aos jesuitas a prioridade nas referências a essa planta. Sendo os ervais considerável fonte de lucros, começaram os espanhóis a explorá-los, estabelecendo-se aquém e além Paraná, próximo das regiões onde eram mais intensas as formações do vegetal. Segundo o p. Ruiz de Montoya os índios preados viviam nesses aldeamentos reduzidos à escravidão, sendo uma de suas tarefas colher a erva e transportar "às costas cinco ou seis arrobas, dez, vinte e mais léguas, pesando o índio menos do que a sua carga".

Mais tarde verificou-se a existência da erva mate noutro lado do Iguaçu até o sul de Mato Grosso, e que os índios ali também faziam uso de suas folhas, dando à árvore o nome de "Congói". Deram então ao vegetal o nome "congonha" mais de acôrdo com a língua brasileira.

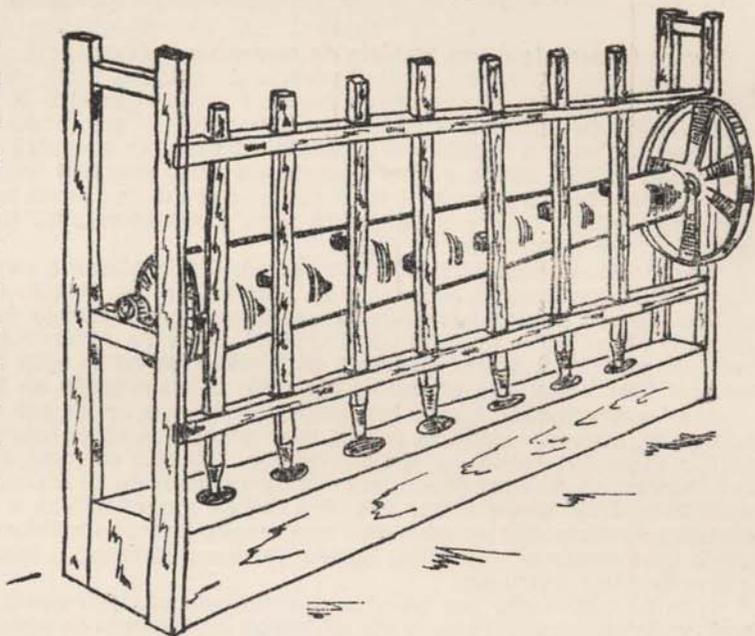
Os povoadores paulistas do planalto curitibano, como os espanhóis do Paraguai, cedo se fizeram à ingestão do chá indígena, propagando-se o hábito até Minas Gerais, onde Saint-Hilaire foi encontrá-lo, e até as populações do litoral em relações comerciais com a vila de Curitiba, pelos primitivos caminhos de Paranaguá e Três Barras. De São Francisco trouxeram a congonha à Vila de Nossa Senhora de Destêrro, onde o naturalista Barão de Langsdorff, que estivera na ilha de Santa Catarina em 1803, quando foi da expedição russa comandada por A. Krusenstern, e que se destinava ao Pacífico, registra em seu livro a surpresa que lhe causara o costume que tinham os desterrenses de ingerir grande quantidade de um chá que preparavam "derramando-se água muito quente sobre certas folhas silvestres, ali chamadas "Herba do Mato". (apud C. da Costa Pereira).

Em 1804 a câmara de Paranaguá estabelecia a cobrança de taxas sobre a erva mate que passasse pelo Cubatão e da vila de Paranaguá e, em 1807, a câmara de São Francisco incluía a taxa cobrada pela venda da congonha, nos subsídios de terra e mar, nomeando um juiz para fiscalizar e arrecadar a taxa que recaía sobre essas mercadorias que desciam de Curitiba, remetendo presos para a Vila de São Francisco todos aquêles que extravissem as ditas congonhas. (Documentos do Arquivo Municipal de S. Francisco, conf. C. da Costa Pereira).

Os grandes consumidores, além do consumo interno no planalto e no Rio Grande do Sul, estavam no Rio da Prata e no Chile. O mate do Paraguai não bastava para suprir esses mercados, nem o produto dessa origem satisfazia inteiramente ao paladar de argentinos, uruguaios e chilenos, como o de procedência brasileira.

Foram e continuam a ser esses países os maiores importadores da ILEX, e isso explica a predominância da denominação — erva mate, tradução da Yerba—mate. O termo “congonha” passou a designar as espécies do produto.

... a máquina, cuja peça principal, o “bolinete” é feito de uma peça só, de 9 metros de comprimento e uma espessura enorme. O “pilão” com as “bocas” e “conchas” feito de um pau de canela preta impressionante. ...



A procura da erva-mate brasileira pelos consumidores platinos em 1820 determinou o estabelecimento dos primeiros engenhos de maior capacidade de produção, na comarca de Curitiba, a esse tempo parte integrante da Província de São Paulo. Até então, apenas em Curitiba e Lapa, procedia-se, para o consumo local, o beneficiamento da erva-mate, utilizando-se de processos rudimentares.

De 1820 para cá, o fabrico do mate começou a deslocar-se para Paranaguá, Antonina e Morretes “constituindo aí por largos anos, principalmente nesta última localidade, os centros de maior indústria e expansão comercial do produto para as províncias e para o exterior do Império” (apud Romário Martins conf. C. da Costa Pereira).

Quando foi criada a Província do Paraná, em 1853, existiam na comarca de Curitiba perto de 90 engenhos, já por essa época movidos a água, substituindo as primitivas “fábricas de soque”, ou de pilão, em que escravos socavam as folhas do mate.

Os maiores produtores encontravam-se em Morretes. Quando a “Estrada de Graciosa” foi entregue ao trânsito, Curitiba tornou-se definitivamente o centro de beneficiamento da erva-mate.

— ★ —

O desenvolvimento da indústria ervateira no Paraná, levou o Dr. Severo Amorim do Vale, 3.º Vice-Presidente da Província de Santa Catarina, a dizer em sua fala dirigida a 1.º de março de 1849 à Assembléa Legislativa Provincial, que “a erva-mate, ramo considerável de exportação em Paranaguá, bem vizinho do nosso limite, tem estado em perfeito abandono”.

Não existiam fáceis meios de comunicação que permitissem transportar para os portos de embarque a erva-mate. Os engenhos catarinenses eram pequenos

e de reduzida produção, instalando-se, porém, no ano de 1853, em Lajes, uma fábrica em maior escala. Começara o novo engenho a trabalhar "produzindo uma boa porção de erva". Mas as despesas de transporte para o Desterro absorviam os lucros. Os que haviam feito uma vez o transporte pelo preço de 1\$000 por arroba, recusavam-se a fazê-lo segunda vez, em razão das más condições da estrada.

Propunha o Presidente João José Coutinho um auxílio indireto em mandar consertar a estrada e isentar a erva-mate do impôsto de exportação. (Fala dirigida à Ass. Leg. Prov. em 19 de abril de 1854).

Tinha-se esperança de que adviessem da construção da Estrada Dona Francisca, que ligava Joinville ao planalto, os maiores proventos para a indústria ervateira em Sta. Catarina. Não era ela infundada. Com respeito a essa via de comunicação, dizia o Pres. da Província Araújo Brusque, em 1860: — "A estrada que da Colônia Dona Francisca segue para o Paraná, continua a ser construída com perfeição, e estou convencido que será uma das melhores estradas do país. Esta Estrada augura um novo e importante mercado no pôrto de São Francisco, para onde afluirá necessariamente o comércio da erva-mate."

Iniciara-se a sua construção em 1858, sete anos depois da fundação da Colônia Dona Francisca. Pelo primeiro traçado seria Curitiba o seu ponto terminal. Em tempo emendou-se o êrro e por aviso de 30 de setembro de 1867, determinou o Governo Imperial que fôsse a então Freguezia do Rio Negro o ponto terminal da nova estrada.

Acontece que já em março de 1865, o então engenheiro da Colônia Dona Francisca August Wunderwald, traçou a linha da futura estrada em direção a Rio Negro. No mesmo ano de 1865, veio o engenheiro da presidência do Paraná, Barão Von Holleben a Joinville para explorar junto com Wunderwald, um desvio de "Encruzilhada", já no planalto, em direção a Curitiba. Levaram para esta expedição 40 trabalhadores e já em 31 de maio de 1865 desceu do planalto, aproveitando a nova picada, o primeiro transporte de erva-mate na história desta estrada.

Na data de 15 de junho do mesmo ano veio, serra abaixo, o primeiro carregamento de carne seca e erva-mate, em lombo de burro, levando de volta serra acima, o primeiro produto industrial exportado de Joinville pela famosa "Serra-Strasse": — couro para solas da fábrica de cortume de Jacob Richlin.

Viera a Estrada Dona Francisca infuir decisivamente na criação da industria ervateira em Santa Catarina, instalando-se em Joinville os primeiros grandes engenhos para o beneficiamento da erva-mate que passou a descer de Campo Alegre e das margens do Rio Negro, onde se encontravam abundantemente a espécie genuína da Ilex.

Foi a erva-mate, inegavelmente, um dos mais preponderantes fatores econômicos no desenvolvimento de Joinville e no povoamento das margens da importante Estrada Dona Francisca.

Em conexão com essa indústria, fundaram-se grandes estabelecimentos comerciais. No beneficiamento da erva-mate fizeram-se as primeiras fortunas joinvillenses, depois aplicadas a outras iniciativas em beneficio da cidade. Da exportação fácil naquele tempo, para a construção de engenhos, foi um passo, e Joinville, sem querer, tornou-se um centro industrial e comercial de erva-mate, e a mais importante praça comercial de uma vasta zona que servia como intermediária de inúmeros produtos. Destacaram-se na industrialização da erva-mate elementos genuinamente brasileiros, que preponderaram na política local e estenderam, em certos momentos, o seu âmbito de influência à política do Estado.

O norte catarinense utilizava-se da Estrada D. Francisca por onde a erva-mate era carregada em grandes carros de quatro rodas e puxados por 6 ou mais animais e que suportavam o peso de 2 a 2,5 toneladas, para os engenhos situados em Joinville, e do Rio Cachoeira, pelo qual o produto beneficiado seguia para o porto de S. Francisco, com destino aos mercados do Prata e do Pacífico.

Existe valioso documento sôbre a primeira iniciativa joinvillense na industrialização da erva-mate. Uma carta, em forma de relatório, do então representante do Príncipe de Joinville, Snr. Frederico Bruestlein, dirigida ao administrador dos bens da Casa Orléans em Paris, Monsieur Bocher, em junho de 1879. Sendo esta carta único documento histórico sôbre a contribuição de Joinville na indústria ervateira em Santa Catarina, transcrevemos a seguir a parte que se refere a este acontecimento". . . En 1877 un negociant d'ici - G.F.G. Hasse a transformé son

usine a vapeur pour piler le riz en usine à piler le maté et l'a louée à un industrielle de Morretes, Antonio Sinke, qui dans la première année d'exploitation y a gagné de 40 à 50 contos de réis. Ce succès et la concurrence faite a Morretes et Antonina par Paranaguá et Coritiba, ont décidé deux industriels de Morretes, Celestino d'Oliveira et Vicente Ferreira Loyola à établir une usine a vapeur à la colonie et a louer celle de Joinville abandonnée par Sinke, qui s'en est construit une à Joinville pour son propre compte. Une maison de Joinville, E. Trinks Frs a commence vers le fin de 1878 une usine hydraulique au Rio da Prata; enfin l'ingenieur qui dirige les travaux de la route de Dona Francisca, Monsieur Étienne Douat, a louer le terrain où les indiens ont tué Lenschow en 1873 abandonnés depuis cette époque, pour y établir un moulin a maté sur le Rio Secco.

Le développement de l'industrie du maté ne s'est pas fait sans guerre de la part de la province de Paraná. Cette guerre constante de la question des limites jointe à l'indifférence du gouvernement central et provincial pour cette partie de la province et nous cause un mal incalculable”.

Estabeleceram-se no ano de 1877 três engenhos de erva-mate em Joinville. Partindo a iniciativa de Antônio Sinke, vindo de Morretes, este conseguiu lucros fabulosos já no primeiro ano, arrendou em seguida o engenho a Celestino d'Oliveira e Vicente Ferreira de Loyola, também de Morretes, para montar usina própria na Rua do Príncipe, esquina da (hoje) Princesa Isabel.

Em 1885 Antônio Sinke vendeu o estabelecimento a um francês, chegado em 1878 de Buenos Aires, Sr. Ernesto Canac. Fundou-se assim um dos maiores empreendimentos industriais de Joinville na época: a Companhia Industrial, com ampla sede no “cais Poschaan”, onde está sediada hoje a firma Jordan. Disponha de filiais de erva-mate de depósitos e impôs-se à confiança de seus fregueses e do publico, pelos seus negócios e pelas pessoas de responsabilidade na vida financeira e política de Joinville, que a dirigiam. A notícia de sua liquidação em 1906, causou sérias apreensões. O Sr. Canac vendeu suas ações aos Procópio Gomes de Oliveira, A. Baptista, Carlos Hoepcke e outros, desaparecendo o nome da antiga e acreditada Companhia Industrial!

A construção da linha São Francisco, ramal da então Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, abriu novas perspectivas à indústria ervateira em Santa Catarina e deu-lhe maior incremento em outros municípios de serra acima. O surto de progresso que a erva-mate proporcionou foi enorme, os joinvillenses que nada entendiam do seu comércio, adotaram e ingressaram nessa mercância, foram aprendendo a ganhar dinheiro com o mate. Surgiram firmas exportadoras, os Schlemm, Jordan, Lepper, Irmãos Ribeiro, Oliveira, Freitas Valle e tantas outras.

Hoje a indústria ervateira no Paraná e Santa Catarina completou o seu ciclo passando para um plano secundário na escala de valores econômicos da exportação de ambos os Estados.

Passou a preponderar no quadro das indústrias extrativas o pinho, que já vinha sendo explorado no período de esplendor da erva-mate.

## A colônia Sta. Tereza

A 14 de janeiro de 1854, o major Afonso de Albuquerque Melo, nomeado diretor da Colônia Militar de Santa Tereza, fundada pelo decreto 1266, de 8 de novembro do ano anterior, chega às margens do Trombudo, para lançar os fundamentos do empreendimento, em companhia de 19 soldados. Depois para lá foram outros colonos. Verificada, porém, a impropriedade do local escolhido, seguiram esses colonos mais para diante, instalando-se próximo às margens do rio Itajaí do Sul, no lugar depois conhecido por “Barracão” (hoje Catuíra) que se tornou a sede da Colônia. O progresso da colônia foi lento e a sua administração esteve sujeita a várias circunstâncias que concorreram para a sua quase total estagnação por muitos decênios. É hoje sede de futuroso distrito.

Fábrica de Gaitas

**“Alfredo Hering” S. A. Com. e Ind.**

Largo Cel. Feddersen — Cx| Postal, 115 — End. Tel. “GAITA”  
BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

**GAITAS DE BÔCA e ACORDEÕES**  
**TRADIÇÃO e QUALIDADE em**

**PROCURE CONHECER OS NONOS**  
**MODELOS DE GAITAS E SANFO-**  
**NAS, EM MODERNO ACABAMENTO. —**

# Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Matriz : ITAJAÍ - Santa Catarina

CAPITAL E RESERVAS ..... Cr\$ 1.000.000.000,00

DEPÓSITOS EM 5-3-63 ..... Cr\$ 11.246.116.306,80

**Agência em Brasília (DF)**  
**Agências no Rio de Janeiro**

Avenida W. 3, Quadra 7 B, Loja 3  
Rua Visconde de Inhaúma, 134 Loja  
Rua do Carmo, 66

**Agências em São Paulo**

Rua São Bento, 341  
Rua Marconi, 45  
Rua Florêncio de Abreu, 637  
Av. Celso Garcia, 503  
Rua Cincinato Pomponet, 187

**Agência em Curitiba**

Rua Monsenhor Celso, 50

**Agência em Florianópolis**

Praça 15 de Novembro, 9

**Agências no Estado de Santa Catarina :** Araranguá, Blumenau, Bom Retiro, Braço do Norte, Brusque, Caçador, Camboriú, Campos Novos, Capinzal, Canoinhas, Chapecó, Concórdia, Criciúma, Curitibanos, Estreito, Gaspar, Guarimir, Ibirama, Imbituba, Indaial, Itaiópolis, Ituporanga, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Laguna, Lajes, Lauro Mueller, Luiz Alves, Mafra, Orleães, Piratuba, Pôrto União, Rio do Sul, Rio Negrinho, Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz, São Bento do Sul, São Carlos, São Francisco do Sul, São Miguel do Oeste, São Joaquim, Taió, Tangará, Tijucas, Timbó, Tubarão, Urussanga, Videira e Xanxerê.

**Agências no Estado do Paraná :** Cambará, Clevelândia, Lapa, Maringá, Palmas, Palmeira, Ponta Grossa, e São Mateus do Sul.

**Agências no Estado de São Paulo:** Botucatu, Campinas, Cruzeiro, Jaboticabal, Jacareí, Jaú, Lençóis Paulista, Lorena, Mogi das Cruzes, Mogi-Mirim, Paraguaçu Paulista, Pinhal, Piracicaba, Presidente Prudente, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo André, Santos, Sertãozinho e Taubaté.

**Agência no Estado do Rio de Janeiro:** Barra Mansa.

**Escritórios no Estado de Santa Catarina:** Biguaçu, São José e Urubici.

**Escritórios no Estado de São Paulo:** Alfredo Guedes, Barrinha, Guararema, Guariba, Lutécia, Monte-Mor, Poá, Queluz, Rio das Pedras, Salesópolis, Sousas, Tremembé e Vila dos Lavradores.

**Abra uma conta no INCO e pague com cheque !**